

Bases de dados relacionais para o estudo empírico dos campos culturais renascentistas: mapeamento e abordagens quantitativas e qualitativas do livro impresso em Portugal (1547 e 1557)

ROBERTO SAMARTIM

roberto.samartin@udc.es

Universidade da Corunha
Grupo Galabra-USC
(Galiza)

RESUMO:

Partindo da hipótese de que com a utilização de ferramentas relacionais de base empírica é possível gerar conhecimento novo sobre o campo literário do Portugal Renascentista, foi construída e testada a base de dados descrita no presente artigo, sendo utilizadas sobre o banco de dados nela arrumado diferentes técnicas para a realização de análises de tipo quantitativo, qualitativo e relacional. As abordagens realizadas sobre um *corpus* que contempla a totalidade do livro impresso em Portugal entre 1547 e 1557 confirmam essa hipótese inicial e permitem informar, a partir de demonstrações empíricas, das características dos volumes, tipologias e origens da produção, assim como das relações de mecenato estabelecidas entre a família real e os produtores e impressores ativos no Reino de Portugal no período em foco.

PALAVRAS CHAVE: Bases de Dados; Portugal; Renascimento; Livro impresso; ARS.

ABSTRACT: The database described in this article was built and tested with different techniques for quantitative, qualitative and relational analyses, under the premise that it is possible to produce new knowledge about Portuguese Renaissance literary field by using relational tools of empirical base. This approach over the whole corpus of books printed in Portugal between 1547 and 1557 confirms the initial hypothesis and generates information about the volumes, typologies and origins of this production, as well as about the patronage relationships established between the Royal family and those producers and printers acting in the Kingdom of Portugal during this period.

KEYWORDS: Databases; Portugal; Renaissance; Printed Book; Social Network Analysis.

Data de receção: 01/12/2014

Data de aceitação: 29/05/2015

1. Introdução

O presente trabalho parte da hipótese de que a aplicação de ferramentas procedimentais e metodológicas de base empírica (como bases de dados, gráficas, mapas ou análise de redes sociais [ARS]¹) ao estudo do campo do livro impresso no Renascimento Português contribui para levantar novas hipóteses a partir das quais poderemos colocar novas perguntas investigadoras, para confirmar/ refutar informações existentes sobre esse objeto de estudo, para gerar conhecimento novo sobre o funcionamento deste campo de produção cultural nesse período histórico e, em geral, para formular novos objetos e métodos de investigação a partir de uma perspetiva multidisciplinar sustentada em evidências empíricas ou relacionais.

A novidade do trabalho proposto assenta, precisamente, na evidência de que as aplicações ao Renascimento desta perspetiva e destas ferramentas de análise são claramente minoritárias para o período renascentista em geral e, já para o caso concreto do Renascimento português, por nós totalmente desconhecidas. Assim, se os estudos de caso de Padgett sobre a Florença renascentista aplicando ARS podem exemplificar este tipo de proposta (<http://home.uchicago.edu/~jpadgett/pub.html>), as consultas realizadas em várias publicações especializadas (*Bulletin de l'Association d'Étude sur l'Humanisme, la Réforme et la Renaissance*; *Comitatus: A Journal of Medieval and Renaissance Studies*; *Renaissance Studies*; *Renaissance Quarterly*; *Revista Camoniana*; *Studia Aurea*) e em revistas de impacto dedicadas mais concretamente aos estudos lusófonos (*Agália*, *Portuguese Studies*, *Veredas*) ou para a ARS (*Redes. Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales*) não devolvem nenhuma referência em que o período renascentista português seja estudado desde uma focagem relacional e com instrumentos de base empírica.

Da nossa parte, para além de termos realizado outro tipo de análise do campo literário do Renascimento português em trabalhos anteriores (SAMARTIM, 2003), a nossa experiência na construção e utilização de bases de dados para o estudo do campo literário em geral, e do editorial em particular, no caso galego da década de setenta do sé-

1 “A análise de redes sociais, também denominada por análise estrutural, direcciona-se para o estudo de relações sociais específicas entre vários elementos: pessoas, grupos, organizações, países, acontecimentos, etc. A diferença das análises ditas tradicionais que procuram explicar questões, como por exemplo, a conduta em função da classe social e profissão, reside no facto da análise de redes sociais se centrar no campo das relações e não nos atributos dos actores” (SILVA, FIALHO e

culo XX², confirmou a utilidade deste tipo de ferramentas (empíricas) e de análises (quantitativas, qualitativas e relacionais) para a obtenção de resultados satisfatórios.

O objetivo deste contributo é, portanto, confirmar ou refutar a nossa hipótese de partida no sentido de testar a utilidade de ferramentas procedimentais e metodológicas de base empírica para o estudo do livro impresso no Renascimento português. Para isso limitamos o nosso estudo ao livro impresso no Reino português entre a promulgação da carta manuscrita com a *Proibição dos livros defesos* feita pelo Cardeal Infante D. Henrique em 1547³ (SÁ, 1983) e a morte de D. João III em 1557. Este período de onze anos permite-nos delimitar um *corpus* suficiente composto por 230 registos. Este conjunto de materiais resulta da consulta contrastiva e completa dos principais catálogos bibliográficos existentes até à atualidade para o período estudado (ANSELMO; 1926, MANUEL II, 1995; ARONS, 1953; CARVALHO, 1998 e RODRIGUES, 1992). Por outro lado, o levantamento do *corpus* foi completado com o manuseamento não sistemático dos exemplares localizados na Biblioteca Nacional de Lisboa e constitui a totalidade do universo possível para o período em foco.

Para abordarmos o tratamento destes materiais construímos uma base de dados relacional (de acordo com as características gerais e os procedimentos descritos em Samartim, 2009) cuja estrutura e funcionamento será apresentada sumariamente abaixo e sobre a qual realizaremos várias consultas e análises de diferente natureza. Tal como foi apontado, pretendemos testar a pertinência tanto da ferramenta como das próprias análises propostas, para o qual exemplificaremos as abordagens de tipo quantitativo, qualitativo e relacional com três indicadores concretos: volumes gerais de produção, tipologias e mecenato.

Em primeiro lugar, realizamos análises quantitativas de vários tipos utilizando a informação disponível em campos concretos da base de dados para obter resultados sobre os volumes e a temporalização da produção, os locais de impressão, as línguas utilizadas (português, latim e castelhano) e os agentes envolvidos (produtores, impressores, tradutores etc.). Apresentamos para isso um conjunto reduzido, variado e significativo de gráficos que suportam este tipo de análise e dos quais é possível tirar as oportunas conclusões levando em conta também as relações existentes entre os vários campos da base analisados (vejam-se abordagens similares em CORDEIRO RUA; SAMARTIM, 2008).

O segundo indicador tem a ver com a atribuição e abordagem de tipologias (atributos). Neste caso, optamos por realizar uma categorização geral do livro impresso no

SARAGOÇA, 2013, p. 5). Veja-se também, por exemplo, Lemieux e Ouimet (2008).

2 Nomeadamente em Samartim (2010). É possível aceder a vários trabalhos com esta orientação e sobre esses assuntos em <http://galabrá.ceb.ufg.br/p/10541-roberto-samartim-lopez-iglesias-udc>.

3 Neste ano de 1547 o Tribunal do Santo Ofício, instaurado formalmente em Portugal em 1536, reinicia a sua atividade depois da suspensão decretada pelo Papa Paulo III três anos antes, em 1544.

Renascimento português limitando-nos, neste momento, à indicação apenas de uma única categoria a cada exemplar, no entendimento de que esse procedimento permite tirar as oportunas conclusões sobre o estado do campo e, sobretudo, é suficientemente ilustrativo das potencialidades oferecidas pela ferramenta para a realização de análises qualitativas.

Neste sentido, ainda sem deixar de levar em conta que a categorização é um processo já analítico e que nem sempre é possível realizá-la de forma pacífica por causa da própria natureza dos materiais que alcançam a impressão em meados de quinhentos, adaptamos e simplificamos as achegas de Macedo (1975, p. 204) e propomos uma classificação geral das obras impressas no Renascimento português em sete tipologias gerais (“categorias”), desenvolvidas numa série de “temáticas” associadas (colocadas entre parênteses na continuação e constituindo um degrau inferior de análise):

1. *Igreja* (função, organização, serviço e doutrina, agiológicos, história da Igreja e preleções morais);
2. *Estado* (função, organização, serviços e doutrina civil);
3. *Ensino* ou aprendizagem (gramática, aritmética, retórica, lógica, dialética, orações de sapiência, comentários, conclusões, questões, lições e asserções para aulas);
4. *História* (relatos do passado, ocorrências civis e militares, relatos de viagens e corografias);
5. *Literatura* (poesia, romances de cavalarias, diálogos, epístolas e ensaio filosófico), *Relatos do Presente* (encômios civis, biografias, panegíricos, orações fúnebres, nupciais, régias... e justificações políticas); e
6. *Ciência* (astronomia, matemática, medicina, artes, técnica e outras ciências).

Por último, a exemplificação relativa à análise relacional consiste na abordagem das relações formais entre os autores, os impressores e os mecenas (nomeadamente membros da alta nobreza e a família real) aplicando ARS a uma parte da informação contida na base de dados. Com a utilização desta outra ferramenta podemos mapear as relações realmente existentes entre agentes que desenvolvem diferentes funções e, portanto, possuem diferentes atributos (“mecenas”, “impressor”, “produtor”) e pretendemos (de)mostrar empiricamente qual era o mapa das relações e o tipo de repertórios (aqui linguístico) promovidos pela nobreza portuguesa para o campo da produção massiva através do mecenato exercido sobre a impressão neste período histórico. Limitamos neste caso a amostra às relações efetivamente existentes no ano de maior produção do período em foco (1557), com o objetivo de otimizar a qualidade e a clareza na visualização dos resultados.

2. Base de Dados

A base de dados do livro impresso no Renascimento português foi construída em sistema L/WAMP e linguagem SQL⁴. Esta linguagem universal para bases de dados permite o acesso à informação em qualquer sistema operativo e a análise relacional do conjunto dos dados recolhidos e armazenados em toda a estrutura da base.

A base de dados está constituída por um corpo principal de três tabelas relacionadas e uma série de tabelas associadas àquelas; estas últimas permitem trabalhar com listagens fechadas de elementos e limitar desta maneira o risco de erro na digitação da informação. A estrutura relacional da base está composta, em síntese, por um catálogo geral de livros, uma tabela onde categorizar a tipologia da informação catalogada e uma terceira tabela onde registar as relações dos elementos do catálogo com os vários agentes que participam no campo do livro impresso.

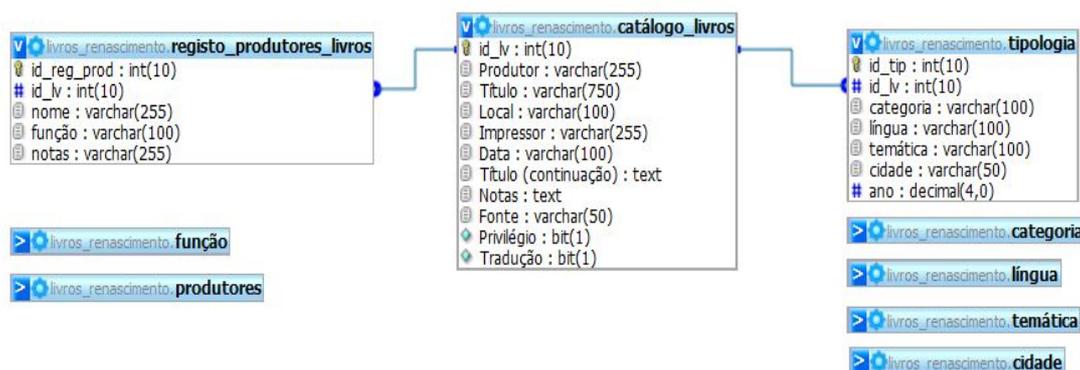


Figura 1. Estrutura da Base de dados do livro impresso no Renascimento Português.

Fonte: Elaboração própria.

Cada uma destas tabelas principais (despregadas acima na Figura 1) consta dos campos necessários para o levantamento e a organização da informação específica que armazena, assim:

1. *catálogo_livros*: permite a identificação do exemplar através de informação de natureza bibliográfica; contém referência ao catálogo de onde foi tirado o registo e a indicação de dous elementos de interesse para análises posteriores: se o
- 4 “WAMP é o termo usado para denominar os softwares que efetuam a instalação automática de vários softwares de forma que facilitem e agilizem a instalação dos mesmos. Em geral é usado WAMP para dizer que é um instalador de Apache, MySQL e PHP para Windows, sendo denominados como LAMP os softwares que tem a mesma destinação para sistemas operacionais LINUX” (<http://pt.wikipedia.org/wiki/WAMP>; Acesso em: 01 jun. 2015). Por sua parte, SQL é sigla inglesa de *Structured Query Language* (Linguagem de Consulta Estruturada), uma linguagem padrão de gerenciamento de dados que interage com os principais bancos de dados baseados no modelo relacional (para mais informação, por exemplo, <http://pgdoctbr.sourceforge.net/pg80/tutorial-sql.html>; Acesso em: 01 jun. 2015).

exemplar se trata de uma tradução e se nele consta privilégio (régio ou outro) para a sua impressão ou circulação.

2. *tipologia*: permite regularizar a localização geográfica e cronológica (que surge de maneira desigual nos catálogos consultados), indicar a/s língua/s da impressão e estabelecer dous níveis de categorização relacionados: através das sete “categorias” listadas acima e as várias “temáticas” em que elas podem ser desenvolvidas.
3. *registro_produtores_livros*: permite listar todos os agentes relacionados com o exemplar catalogado e indicar a função por eles desempenhada (impressor, mecenas, censor, tradutor, ...).

O formulário mostrado na Figura 2 facilita o levantamento e a consulta de todo este variado conjunto de informação que depois poderá ser analisada relacionalmente.

The screenshot shows a web-based database form for a printed book. The form is organized into several sections:

- Top Section:** Fields for *Id_livros* (542), *Título* (Tractado da segvnda parte do sacramento da penitencia), and *Título (continuação)* (...Que he Confissam. Com detestacã dos sete peccados mortaes, E exortacã das virtudes contrayras a elles. & modo pera bem confessar).
- Producer and Printer:** *Produtor* (D. Sancho de Noronha) and *Impressor* (João de Barreira e João Álvares).
- Date and Location:** *Data* (29 Jan. 1547) and *Local* (Coimbra).
- Source:** *Fonte* (Anselmo 248).
- Notes:** A large text area containing the note: "Ao mvito alto & muito poderoso Principe el Rey Dô Ioam ho terceyro".
- Table:** A table with columns *id_reg_prod*, *id_lv*, *nome*, *função*, and *notas*. It lists four records related to the book's production.
- Search and Filter Section:** Includes dropdowns for *id_tip* (2), *Lingua* (Português), *Categoria* (Igreja), *Cidade* (Coimbra), *Temática* (Serviço e Doutrina), and *Ano* (1547).
- Footer:** A blue button labeled "Grupo Galabra" and a logo.

Figura 2. Formulário da Base de dados do livro impresso no Renascimento Português.

Fonte: Elaboração própria.

Parece-nos importante destacar, por último, a fiabilidade dum banco de dados que constitui a totalidade do livro impresso no Renascimento português entre 1547 e 1557. Neste sentido, apontamos que o grau de indefinição contemplado para a localização cronológica e geográfica pode ser quantificado apenas em 5,65% e 3,47% do total dos registos, respetivamente.⁵

5 Datas (documentamos treze [13] registos duvidosos entre os 230 arrumados na base): 1549? (2)=1549 // 1550? (4)= 1550 // 1551? (2)= 1551 // 1551-52 (1)= 1551 // 1554? (1)= 1554 // 1555 ou 1557 (1)= 1555 // 1557? (2)= 1557.
Cidades (documentamos apenas oito [8] registos duvidosos de um total de 230 indexados): Lisboa ou Coimbra (1)= Lisboa // Coimbra? (1)= Coimbra // S.L (6).

3. Abordagens

O sistema cultural do Portugal renascentista está caracterizado pela forte indeterminação existente entre os vários campos sociais e pela forte heteronomia dos campos culturais em relação ao campo do poder (político e económico). Esta falta de autonomia materializa-se em dous fenómenos que condicionam de maneira determinante o funcionamento do campo literário em geral, e do campo do livro impresso em particular: a censura (Santo Ofício, índices de livros proibidos etc.) e o mecenatismo (dedicatórias, pagamento dos custos de impressão, privilégios etc.). Estes dous fenómenos explicam a natureza dos materiais que alcançam a impressão e os interesses em jogo no campo, e a eles haverá que acrescentar nesta caracterização geral, por um lado, a permanência do livro manuscrito e, por outra parte, que a língua portuguesa não funciona nesta altura como norma sistémica (isto é, como baliza para a delimitação da participação no campo literário do Renascimento português), mas que nele estão presentes três línguas (latim, português e castelhano), com funções e atributos diferentes (SAMARTIM, 2003, p. 171-178), e também com volumes de produção desiguais (Figura 3).

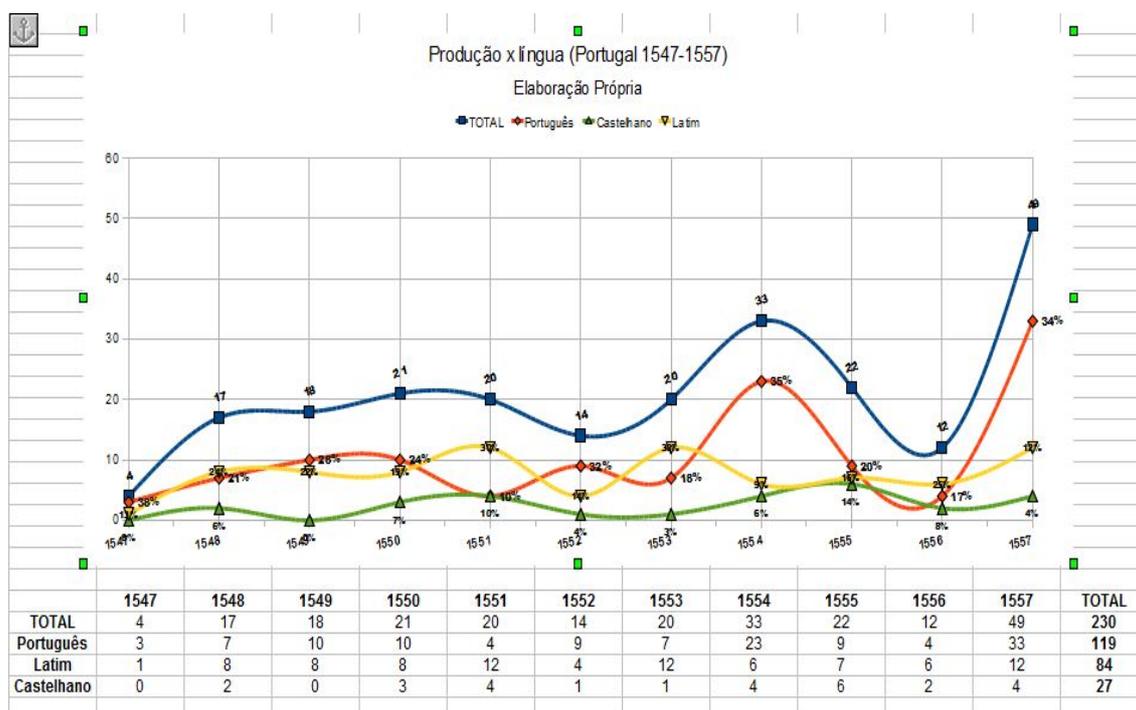


Figura 3. Produção por língua no livro impresso no Renascimento Português (1547-1557).
 Fonte: Elaboração própria.

Para além da preeminência da impressão em português (que supõe 51,73% do total, face 36,52% em latim e 11,73% em castelhano), da primeira abordagem quantitativa ao nosso banco de dados destacamos, apenas a modo de exemplo das possibilidades de análise abertas por este tipo de ferramentas, que o aumento do volume de produção

geral (de 4 exemplares no início do período a quase médio centenar no fim) vai acompanhado de uma maior presença do castelhano a custa do português. Assim, se a produção em latim é regular e constante em todo o período (supõe 25% em 1547 e 24,48% uma década depois; e aumenta mesmo se considerarmos o triénio 1555-1557, em que significa 30% do total), não há registos documentados para castelhano em 1547 (mas supõe 5,1% se considerarmos o primeiro triénio) e esta língua atinge 8,16% em 1557 (14,45% entre 1555-1557).

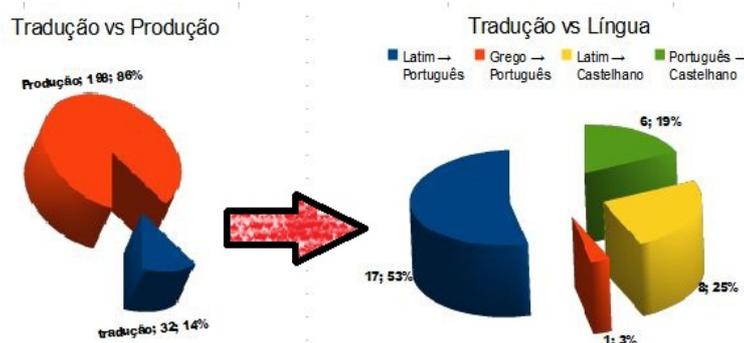


Figura 4. Tradução no livro impresso em Portugal (1547-1557).

Fonte: Elaboração própria.

Este aumento da produção em castelhano está ligada, por um lado, à presença de agentes deste reino em Portugal, como Frei Luís de Granada, Juan de la Cruz, e mesmo a Companhia de Jesus, que tiram dos prelos portugueses (por exemplo em 1555, ano de máxima produção nesta língua) várias espécies no idioma de Castela diretamente relacionadas com a doutrina cristã. Mas, por outro lado, este mesmo ano 1555 serve igualmente para exemplificar que a presença do castelhano aumenta graças à tradução (ver Figura 4), de mãos dadas com os repertórios suscetíveis de circularem num mercado alargado e valendo-se em boa medida do apoio da alta nobreza portuguesa, que alimenta a ideia do castelhano como língua franca peninsular (vejam-se, neste sentido, as traduções da *Primera parte de las sentencias...*, “traducidas enel nuestro comun”, e do *Tractado de cómo san Francisco...*, ordenada polo Duque de Brangança “en le[n]gua castellana por aprouechar en toda España”).

Essa mesma Figura 4 colada acima dá notícia do peso relativo dessa tradução para castelhano (44% dos registos) e, também, da relação assimétrica existente entre português e castelhano, cuja transferência de materiais é unidirecional e significativa em benefício da língua de Castela (um quinto da tradução tem como língua de origem o português e de destino o castelhano, sem nenhum registo no sentido contrário).

Por outro lado, o descenso acentuado da produção impressa acontecido em 1556 que é possível verificar graficamente através da Figura 3 (com uma queda do livro em português até valores da década de quarenta, perante uma maior resistência da impressão

de livro em latim) permite colocar como primeira pergunta investigadora qual é o motivo desta queda da produção.

De acordo com a análise dos dados disponíveis e tal como se despreende da Figura 5, o grosso da produção do período está localizado em Coimbra e em Lisboa (sedes da Universidade e da Corte, respetivamente), e são estas duas instituições (Estado e Universidade), juntamente com a Igreja, que imprime de maneira distribuída pelas cinco cidades documentadas na nossa base de dados, as que monopolizam a produção no Portugal quinhentista.

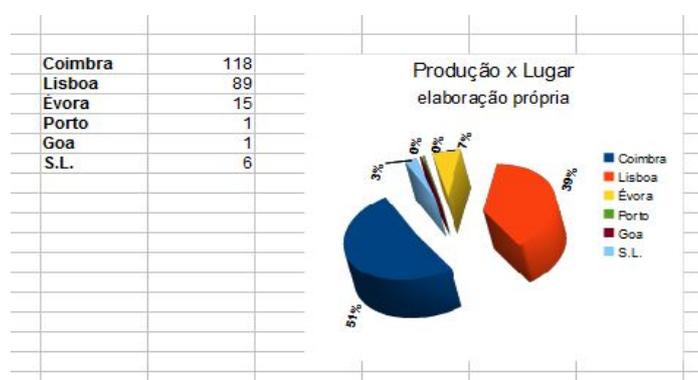


Figura 5. Lugares de impressão em Portugal (1547-1557).

Fonte: Elaboração própria.

Assim sendo, a queda na impressão na cidade do Mondego ajuda a explicar o decurso dos volumes gerais de produção documentados nesse ano 1556 (juntamente, é claro, com a crise que afeta ao conjunto do Reino). Em concreto, verificamos que as percentagens de produção na cidade são inferiores à sua média histórica no conjunto do período e que apenas 1 dos 5 volumes impressos em Coimbra neste ano está ligado à Universidade, cujo Colégio das Artes tinha passado ao controlo da Companhia de Jesus um ano antes.⁶

Neste sentido, a abordagem das localidades de impressão em relação com as categorias estabelecidas na base de dados dá como resultado que o Estado imprime fundamentalmente em Lisboa (ainda que nesta cidade documenta-se uma impressão relativamente diversificada) e que os materiais ligados ao Ensino são produzidos nomeadamente em Coimbra, assim como que ambas as cidades compartilham produção sobre a História e o Presente, categorias ligadas diretamente à legitimação da nobreza e da monarquia cruzadista portuguesa.

6 Estes 5 volumes, sobre uma produção total em 1556 de 12 registos, supõem 41% do total e 10 pontos percentuais por baixo dos registos de Coimbra no lapso 1547-1557; confronte-se ainda com os 58,3% que correspondem a Lisboa nesse mesmo ano (face 39% do conjunto do período) apesar da ausência de exemplares ligados diretamente ao Estado, como veremos na Figura 6.

A Figura 6, por seu lado, dá notícia da distribuição das principais tipologias com que etiquetamos a produção impressa no Portugal de meados de quinhentos. Nesta gráfica, para além de constataremos o destaque que os repertórios religiosos atingem em todo o período de estudo, chamamos a atenção para a enorme produção legislativa verificada no ano da chegada ao trono de D. Sebastião, fato que contribui para a evidência da irregularidade da produção impressa ligada ao Estado (com os registos maiores localizados em 1549 e 1557) e documenta o impulso dado pelo novo monarca ao processo de concentração do poder.

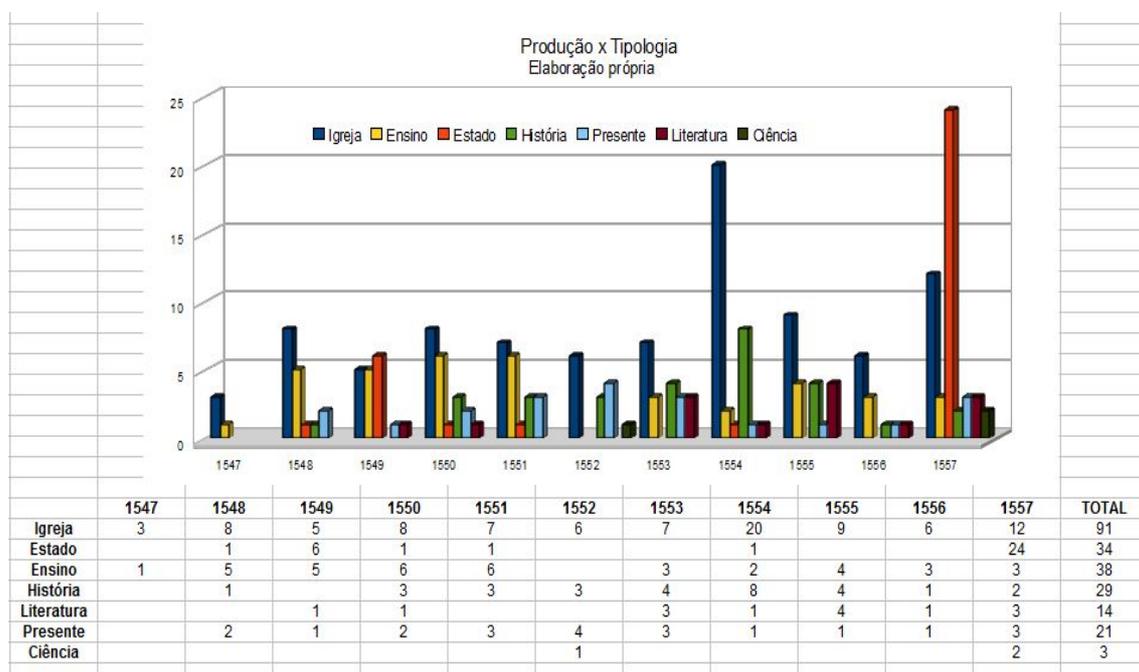


Figura 6. Tipologia do livro impresso em Portugal (1547-1557).

Fonte: Elaboração própria.

Interessa apontar, igualmente, ainda em relação à Figura 6, para a escassez de materiais estritamente literários, que ainda circulam em manuscrito tal qual a divulgação científica, passível também da política de sigilo imposta desde o campo político para salvaguardar os interesses do Reino em relação ao processo de expansão ultramarina. Chamamos a atenção também para a promoção através da imprensa na década de cinquenta dos repertórios da historiografia do presente ligados às descobertas e ensaiados nomeadamente por Fernão Lopes de Castanheda, cuja *História do descobrimento...* gozou de enorme sucesso também no mercado (ainda que não conhecemos cifras de tiragens, esta série foi traduzida para várias línguas europeias na altura, o que por si só dá conta já da sua popularidade).

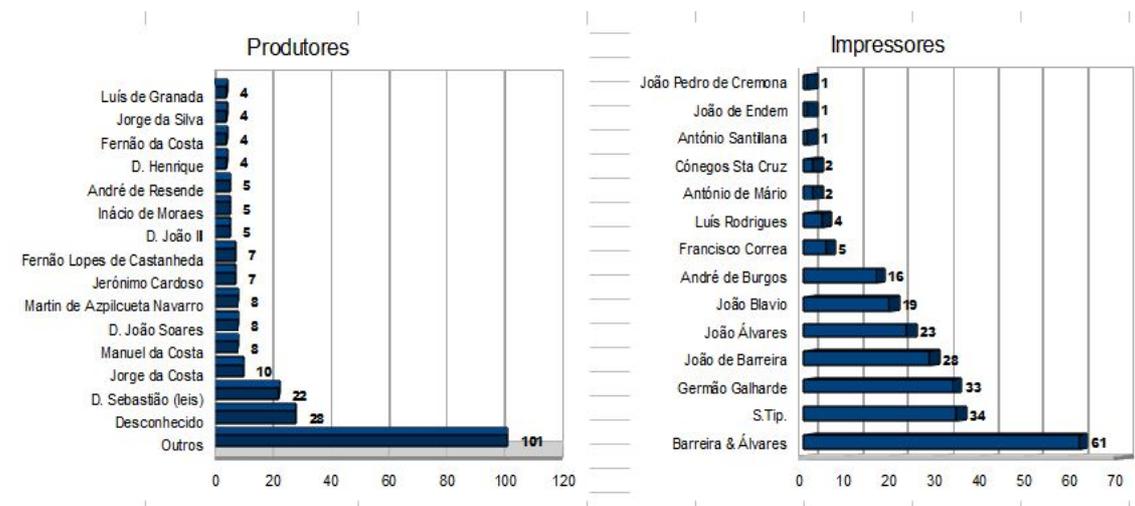


Figura 7. Agentes. Livro impresso em Portugal (1547-1557).

Fonte: Elaboração própria.

Já quanto à distribuição da produção, a Figura 7 permite verificar, em primeiro lugar, o alto grau de concentração dos trabalhos de impressão. Assim, ainda que não seja possível atribuir 14,7% do total da impressão do período⁷, os dados com que contamos informam que os obradoiros (as oficinas) de cinco pessoas concentram 78% dos registos, com especial destaque para a atividade de João de Barreira e João Álvares que, juntos ou individualmente, concentram praticamente metade da produção no tempo do presente estudo (112 registos, 48,6% do total).

Esta concentração da impressão contrasta com a distribuição e diversificação da produção verificada através desta mesma Figura 6. Neste sentido, se bem não seja possível conhecer a pessoa que está diretamente por trás da execução de 12,17% da produção censada neste período, esta afirmação está sustentada em que apenas 14 pessoas levam ao prelo mais de três obras nestes onze anos (ou só onze pessoas, se excluirmos os membros da família real, no que significa pouco mais de um terço [34,3%] da produção atribuível a um produtor concreto no conjunto do período).

Por último, na Figura 8 apresentamos um exemplo de aplicação de Análise de Redes Sociais para a representação gráfica da informação relacional contida na nossa base de dados. Um motivo para a utilização de *sociogramas* (na tradição sociológica) ou *grafos* (na matemática) para o estudo do livro impresso no Renascimento português reside em que — para além da obtenção de medições matemáticas de conceitos como “centralidade”, “agrupabilidade”, “proximidade” etc. — estas técnicas permitem a representa-

7 Quiçá, tal como sugerido pela professora Vanda Anastácio na intervenção no Colóquio que está na origem deste texto (Colóquio Internacional [O Renascimento Português – Desafios e Novas Linhas de Investigação](#), organizado pela Associação Internacional de Lusitanistas, no St. Peter's College da Universidade de Oxford e o King's College de Londres em 28-29 de junho de 2013), esta impressão não atribuída seja responsável em boa medida de impressores itinerantes, como os documentados nos primórdios da impressão em Portugal por Dias (1988).

através do mecenato faz-se igualmente de modo distribuído, isto é, todos os impressores participantes na rede tiram do prelo algum exemplar que conta com o apoio (económico, simbólico) da monarquia.

Em trabalhos posteriores, o desenvolvimento e a combinação das abordagens e possibilidades abertas pela metodologia aplicada ao *corpus* de materiais impressos no Renascimento português poderão fornecer, é claro, análises mais complexas e completas das apresentadas neste trabalho, as quais, lembramos, foram ensaiadas apenas para demonstrar a funcionalidade das técnicas e as ferramentas utilizadas.

4. Síntese conclusiva

Para as abordagens efetuadas neste trabalho, o conhecimento relativo ao livro impresso tem a ver, fundamentalmente, com

- 1) o aumento da produção no período em foco (e a sua queda em 1556), verificando-se a resistência dos repertórios veiculados em latim e o aumento da presença do castelhano a custa do português, isto último em virtude fundamentalmente da relação assimétrica e favorável à língua de castela verificada no campo da tradução;
- 2) as cidades de Coimbra e Lisboa como principais lugares de impressão, ligados à Universidade (Ensino) e à Corte (Estado), assim como o escasso impacto dos repertórios estritamente literários no campo do livro impresso e a emergência dos repertórios da história do presente representados pelos vários volumes de Lopes de Castanheda que, ao tempo que entretêm a população, legitimam o projeto de Estado da expansão ultramarina;
- 3) a produção impressa está distribuída e diversificada numa rede homogénea e participada por multiplicidade de agentes, em contraste com a concentração quer dos trabalhos de impressão, em mãos das escassas pessoas que podiam dispor dos capitais (económicos e políticos) necessários para esta empresa, quer dos labores relativos ao mecenato, monopolizado de facto pela família real.

Quando às ferramentas utilizadas, devemos concluir que, em geral, existe uma estreita relação entre a utilização de uma tecnologia e uma metodologia específicas e as possibilidades de selecionar, abordar e compreender um determinado objeto de estudo. Assim, as ferramentas utilizadas neste trabalho introduzem fundamentalmente um modo *visual* de refletir sobre o objeto de estudo, apontando para respostas a questões prévias e colocando outras novas (o que resulta difícil de atigir sem o apoio gráfico). Neste sentido, entendemos que a utilização do tipo de ferramentas e análises aqui propostas (de tipo quantitativo e qualitativo, e sempre desde uma focagem relacional e

com base empírica) permite criar conhecimento novo (ou um novo tipo de conhecimento) sobre o livro impresso do Renascimento português.

REFERÊNCIAS

- ANSELMO, António Joaquim. *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926.
- ARONS, Ruth Gertrud Hedwig Sara. *Uma tentativa de bibliografia das obras impressas em Portugal no séc. XVI e estudo de alguns problemas por ela levantados* [Texto policopiado]. Lisboa : s.n., 1953. Tese de mestrado em Ciências Históricas e Filosóficas, Universidade de Lisboa, 1952-1953.
- CARVALHO, José Adriano de Freitas (Org.). *Bibliografia cronológica da literatura de espiritualidade em Portugal: 1501-1700*. Porto: Inst. de Cultura Portuguesa, 1988.
- CORDEIRO RUA, Gonçalo; SAMARTIM, Roberto L.I. O panorama editorial galego no tardofranquismo e na transição. In: ROMERO PORTILLA, Paz; GARCÍA HURTADO, MANUEL-REYES (Eds.). *El libro en perspectiva*. Una aproximación interdisciplinaria. III Simposio de Estudios Humanísticos. A Coruña: Universidade da Coruña – Servizo de Publicacións, 2008. p. 161-193. Disponível em: <http://www.poesiagalega.org/uploads/media/cordeiro_samartim_2008_edicion.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2015.
- DIAS, Geraldo J. Amadeu Coelho. A ideologia religiosa e os começos da imprensa em Portugal. *Revista de História do Centro de História da Universidade do Porto*, Porto, v. 8, p. 159-168, 1988. Disponível em <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13132/2/6447000069792.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2015.
- LEMIEUX, Vincent; OUIMET, Mathieu. *Análise estrutural das redes sociais*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008. (Epistemologia e Sociedade, 251).
- MACEDO, Jorge Borges de. Livros impressos em Portugal no século XVI: interesse e formas de mentalidade. Separata de: *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, n. 9, p. 183-221, 1975.
- MANUEL II, Rei de Portugal. *Livros antigos portugueses 1489-1600 da bibliotheca de Sua Majestade Fidelissima*. Prefácio de José Vitorino de Pina Martins. Braga: APPACDM, 1995. Edição fac-similada da original de 1929, 1932 e 1935, publicada em Londres pela Maggs Bros.
- RODRIGUES, A. Gonçalves. *A tradução em Portugal: tentativa de resenha cronológica das traduções em língua portuguesa excluindo o Brasil de 1495 a 1950*. Lisboa: Imp. Nac.-Casa da Moeda, 1992. v. 1.
- SÁ, A. Moreira de (Org.). *Índices dos livros proibidos em Portugal no século XVI*. Apresentação, estudo introdutório e reprodução fac-similada dos índices por Artur Moreira de Sá. Lisboa: Inst. Nac. Investigação Científica, 1983.
- SAMARTIM, Roberto L.I. *A dona do tempo antigo: mulher e campo literário no renascimento português (1495-1557)*. Santiago de Compostela: Laiovento, 2003.
- SAMARTIM, Roberto L.I. Métodos e ferramentas para o estudo dum sistema cultural emergente em tempos de mudança política: o caso galego (1968-1982). In: [Actas do] X CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Sociedades desiguais e paradigmas em confronto. Manuel Carlos Silva et al (Orgs.). Braga: Centro de Investigação em Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2009, v.1 [Lusofonia e (neo)colonialismo: Culturas e valores, identidades linguísticas e estudos pós-coloniais], p. 117-126. Disponível em: <http://www.poesiagalega.org/uploads/media/samartim_2009_metodos.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2015.
- SAMARTIM, Roberto L.I. *O processo de construção do Sistema Literário Galego entre o franquismo e a transição (1974-1978): margens, relações e estratégias de planificação cultural*. Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións da Universidade de Santiago de Compostela, 2010. Disponível em <https://dspace.usc.es/bitstream/10347/2858/1/9788498874549_content.pdf> Acesso em: 01 jun. 2015.
- SAMARTIM, Roberto L.I. *O processo de construção do sistema literário galego entre o franquismo e a transição (1974-1978)*. Margens, relações, estrutura e estratégias de planificação cultural. 2010. (Tese de Doutoramento) Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10347/2858>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

SILVA, Carlos; FIALHO, Joaquim; SARAGOÇA, José. *Iniciação à Análise de Redes Sociais*. Casos Práticos e Procedimentos com UCINET. [S.l.]: Caleidoscópio Edição e Artes Gráficas, s.A., 2013. Disponível em: <<http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/10035>>. Acesso em: 01 jun. 2015.